

## **Política, Religião e Filmes: Conversando com Frei Betto e Evanize Martins Sydow**

Ibero-Amerikanisches Institut, Sala Simón Bolívar, 20.2.2024

Durante o Festival de Cinema de Berlim, a Berlinale, ocorrida em fevereiro de 2024, Frei Betto, a historiadora e co-autora de importante biografia de escritor brasileiro, Evanize Martins Sydow e uma equipe de produtores e cinegrafistas estiveram na cidade para apresentar filmes em preparação relacionados com a vida e a trajetória de Frei Betto. Os filmes integram projeto intitulado A Cabeça Pensa onde os Pés Pisam o qual documenta a trajetória religiosa, intelectual e política do autor de “Fidel e a religião”. Na ocasião da visita do grupo a Berlim, por iniciativa da Embaixada do Brasil na Alemanha e do Instituto Ibero-Americano, foi organizada uma roda de conversa com Frei Betto e Evanize Sydow. Sérgio Costa, professor titular de sociologia da Freie Universität Berlin, foi o mediador do diálogo. Apresenta-se abaixo a transcrição resumida e ligeiramente editada das conversas conduzidas na ocasião entre os participantes da mesa. O evento contou ainda com um diálogo com o público presente que, por razões de espaço, não está documentado nesta matéria.

**Sérgio Costa:** É uma grande honra e satisfação mediar esta roda de conversa com Evanize Sydow e Frei Betto.

Evanize Sydow é jornalista, mestre e doutora em história pela Fundação Getúlio Vargas. Ela tem atuado como consultora de várias organizações internacionais, particularmente das Nações Unidas, como a UNESCO e o PNUD. É documentarista e pesquisadora da organização Mirar Lejos, da qual é vice-presidente. Publicou vários artigos e livros sobretudo nas áreas de direitos humanos, democracia e religião. Dado o ensejo desta roda de conversa, gostaria de destacar dois livros, quais sejam, a biografia de Paulo Evaristo Arns, escrita em coautoria com Marilda Ferri e a biografia de Frei Betto, escrita juntamente com Américo Freire. Este último livro já está em sua segunda edição em português além de ter sido traduzido para o espanhol e o inglês.

Vou ser muito breve na apresentação de Frei Betto, já que teremos oportunidade de visitar mais detidamente nesta roda de conversa várias estações de sua intensa vida espiritual, religiosa, política e intelectual. Frei Betto é frade dominicano, meu ilustre conterrâneo, nascido na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Frei Betto tem sido um dos personagens mais marcantes, senão o mais marcante, das lutas por democracia e justiça social no Brasil e na América Latina há pelo 5 décadas. Politicamente, Frei Betto como um dos principais nomes da teologia da libertação e vastíssima experiência na formação de lideranças de base, teve e continua tendo um papel fundamental para reconciliar as forças progressistas com o que chamávamos de setores populares. Intelectualmente, seu trabalho é igualmente vigoroso. Publicou mais de 70 livros sempre muito sintonizados com as urgências de seu tempo, para não falar dos romances que, talvez, sejam um lado menos conhecido de seu trabalho. Recebeu vários prêmios tanto como escritor como quanto defensor de direitos humanos no Brasil e no exterior.

Para demarcar alguns temas que me parecem particularmente relevantes para serem explorados nesta roda de conversa, naturalmente sem cercear outras perspectivas e aspectos que lhes interesse, gostaria de, valendo-me da minha prerrogativa de mediador, fazer algumas perguntas iniciais. Gostaria de abordar particularmente seis campos: a trajetória de Frei Betto, o momento político brasileiro, as relações entre política e igreja, meio ambiente e clima e, finalmente, política internacional.

Evanize, poderia nos contar um pouco do longa-metragem e dos filmes que estão preparando? E particularmente sobre o longa, qual é a ênfase principal, busca-se combinar aí tanto a trajetória de Frei Betto tanto como líder religioso e espiritual quanto sua atuação política? Brincando um pouco com a relação sempre difícil entre livros e filmes, pergunto a você, Evanize se, nesse caso, o filme seguirá os passos da biografia tão exitosa da qual você é co-autora?

**Evanize Sydow:** Quero primeiro agradecer vocês todos por estarem aqui, ao professor Sérgio, a parceria com o Instituto Ibero-Americano e dizer que, para nós, é uma honra poder estreitar laços de cooperação. Durante estes dias, conviver um pouco com esse ambiente, junto com Frei Betto, é um privilégio. Estamos trabalhando há 6 anos no projeto dos filmes. Começamos com a ideia de um documentário baseado na biografia que escrevi, juntamente com o Américo Freire, e que a gente entendeu que havia a possibilidade de trazer uma linguagem nova para uma trajetória que é muito atual - a de Frei Betto. Ele é um personagem que circula muito, em grupos muito diferentes. Tem um grupo de amigos na área das artes, por exemplo, lê circula na área da literatura entre os seus pares, na igreja e na política, nos movimentos sociais. Então, a gente tinha vontade de trazer um pouco dessa trajetória para uma linguagem cinematográfica. O projeto acabou ampliando-se e o que estamos produzindo é uma trilogia. São 3 documentários que abordam, cada um deles, aspectos particulares da trajetória do Frei Betto.

O primeiro, que está saindo agora, na segunda quinzena de março, é a trajetória de Frei Betto na educação popular, e traz toda essa experiência dele nos movimentos populares, nos movimentos sociais, já quando ele sai da prisão e vai viver numa favela em Vitória. E, depois, quando vai para o ABC e aí tem contato com as lideranças que hoje são algumas das lideranças mais importantes no Brasil, incluindo o próprio Lula. Na verdade, a gente revisita esse processo todo dele e atualiza esse trabalho. No Brasil, hoje, o governo está trazendo uma proposta de ampliar os educadores populares o que confere atualidade renovada à educação popular. E o Frei Betto está, inclusive, ajudando o governo nisso. Então a gente está atualizando esse tema, além de refazer toda a trajetória do Frei Betto dentro da educação popular, incluindo outros personagens que foram e são importantes para esse tema. Esse é o primeiro documentário. O segundo, que sai em julho, é sobre os percursos literários do Frei Betto. E aí a gente vai retomar algumas obras-chave, recuperando toda a parte histórica de Minas que ele que ele trabalha em seus romances. Enfim, há aí vários depoimentos interessantes. O Leonardo Padura, por exemplo. Muita gente até nem conhece os romances do Frei Betto, é um lado menos conhecido que sua obra memorialística.

O terceiro documentário é sobre uma expressão que ele cunhou que é fraternura e que envolve justamente todas essas redes nas quais ele transita. Ele trabalha um pouco essa questão toda, ou seja, como se relacionar com grupos, grupos de oração, por exemplo, que aí entra a questão da espiritualidade.

Além desses documentários, há um longa metragem que vai sair, que é uma ficção com elementos documentais. E é sobre um aspecto que é muito pouco trabalhado na obra de Frei Betto, principalmente no Brasil, que é seu papel Internacional. E aí a gente vai tratar muito sobre o papel dele, a importância dele em Cuba e, particularmente, como ele fez e continua fazendo esse trabalho de intermediação. Não só em Cuba, mas Cuba é o ponto principal. Então a gente vai contar toda essa história do Frei Betto e da importância dele como mediador no âmbito Internacional, e vamos tratar de outros países socialistas também.

Pablo del Teso que está aqui e vai ser o diretor, é argentino. Henrique Dias que é um ator brasileiro vai fazer o papel de Frei Betto. E então esse é, digamos assim, o pacote para a gente discutir e que vai enfatizar a importância do Frei Betto para a história, na construção de diversas pontes diferentes, e sua importância para o Brasil de hoje, para os movimentos sociais. O primeiro documentário, por exemplo, traz o Guilherme Boulos falando como o Frei Betto é uma referência para ele. Ou seja, não só nos anos 80 Frei Betto foi uma referência, temos uma nova liderança hoje que também tem Frei Betto como referência para o seu trabalho, tanto no dia a dia como seu trabalho como parlamentar.

A linguagem cinematográfica permite mostrar o personagem Frei Betto de uma maneira mais lúdica, digamos assim, para o público.

**Frei Betto:** Há outro documentário que está sendo feito pelo diretor Roberto Mader. Roberto que fez um filme muito conhecido por muita gente, que é a operação Condor, sobre as ditaduras do cone sul, e outros filmes também. Mas o projeto do Roberto, que já começou as filmagens, mas que, comparado com a produção da Evanize, segue em marcha um pouco mais lenta.

**Sérgio Costa:** Passando ao segundo tema que gostaria de tratar, o momento político brasileiro atual, certamente muito mais favorável que até 2022 mas ainda assim difícil e delicado. Não se pode ainda baixar a guarda, é preciso que estejamos muito atentos a cada passo para que não haja outros retrocessos. Sobretudo Lula e não necessariamente o PT ou o sistema político como um todo continua sendo a principal fiador e a garantia da democracia e da justiça social o que mostra a fragilidade dos acordos políticos existentes.

Frei Betto, gostaria de saber como vê as mudanças recentes no Brasil e a polarização social e política que continua existindo. Em uma de suas análises sobre o avanço da direita no mundo, cita Carl Schmitt e sua teologia política. A explicação do que vivemos e temos vivido no Brasil passa por aí? Ou seja, será que a direita aprendeu do teórico autoritário e tem conseguido recodificar a política e a vida em sociedade, de disputas por diferentes visões do bem comum, para uma luta irreconciliável entre amigos e inimigos?

**Frei Betto:** O professor Antônio Cândido dizia que o maior benefício do socialismo não ocorreu em um país socialista, mas na Europa ocidental. Trata-se da social-democracia e que veio para deter a ameaça comunista aos países da Europa ocidental. A social-democracia veio para entregar os anéis de modo a não perder os dedos. E, com isso, a classe trabalhadora aqui na Alemanha Ocidental ganhou melhores condições de vida. Só que essa maquiagem do capitalismo acabou com a queda do muro de Berlim. A partir daí já não era preciso mais fazer concessões à classe trabalhadora. Então veio o caráter neoliberal do capitalismo com toda as suas agudizações na relação de classes. E, com elas, essa emergência da direita. A direita sempre existiu, ela só não tinha saído do armário como saiu agora, no mundo inteiro, porque já não há a ameaça comunista. Não há ameaça de outro sistema alternativo que possa realmente abalar os alicerces do capitalismo.

E essa polarização acontece favorecida pela religião. A esquerda cometeu um erro grave que vem lá da tradição iluminista que vê a religião como superstição, algo fadado a acabar com o avanço da humanidade e do pensamento científico. Esse fenômeno [a religião] vai acabar? Isso é resquício dos tempos antigos? A história mostra que não. Pelo contrário, se fortalece. Eu tenho uma teoria porque é que se fortalece. É porque entre os vários sistemas de sentido, nós temos um sistema de sentido, consciente ou inconscientemente, pelo qual norteamos a nossa existência. Dentre os vários sistemas de sentido que não são muitos, são 3 ou 4, o mais abrangente é o religioso. E por que? Porque é o único que explica o que é que havia antes do Big Bang. Ninguém, nem [Albert] Einstein, nem [Max] Planck, nem [Werner] Heisenberg explicam o que havia antes do Big Bang e o que haverá depois da morte de cada um de nós, então não há nenhum outro sistema tão abrangente que explica desde a criação do universo até a briga de João e Maria, a reconciliação, o perdão. E vai do mais abrangente ao mais íntimo. Só que, por um equívoco hermenêutico muito grave, se interpretou de uma maneira errada a frase de Marx de que a religião é o ópio do povo. Ela foi lida fora de contexto.

É como hoje muitos cristãos fazem com a Bíblia, não é? A teoria literária ensina que uma boa leitura é um triângulo, é texto, contexto e pretexto. Ou seja, quem mais entende a obra de Goethe, o baiano ou o alemão? Evidente que o alemão. Agora, quem entende melhor, Jorge Amado. É o baiano. Quem entende melhor Guimarães Rosa? É o mineiro. Porque está no contexto do texto, e isso favorece o pretexto, ou seja, a motivação, as consequências, os efeitos da leitura.

Aquilo foi tirado do contexto, inclusive do contexto histórico porque Marx critica Bakunin que propôs na Internacional Comunista que uma das condições de inscrição dos operários fosse o ateísmo. E Marx não aceita. O que importa é que seja revolucionário, não importa se tem fé ou não tem fé. Mas adotou-se o ateísmo como condição de comunista, e esse erro o capitalismo jamais cometeu. Pelo contrário, sempre manipulou a religião. Hoje a esquerda corre atrás do prejuízo. E não é fácil recuperar isso, por mais que vamos dizer, taticamente, a esquerda queira agora lidar isso. No Brasil, ela conseguiu lidar muito bem e por isso ela engordou politicamente através do PT graças às comunidades eclesiais de base. Mas esse é um fenômeno que não é universal e que refluíu na própria América Latina depois de 34 anos de pontificados conservadores de João Paulo II e Bento XVI.

Então houve um refluxo desse fenômeno. Mas o fenômeno religioso é o substrato cultural de bilhões de pessoas. Na América Latina, ele é o substrato cultural de toda a população, com exceção do Uruguai. O único país laico da América Latina é o Uruguai. O resto, se você pergunta a um camponês, a uma faxineira, o que é que eles pensam da vida, do mundo da morte, virá uma resposta em categorias religiosas. E, no entanto, a esquerda menosprezou e a direita sempre manipulou isso inteligentemente. Aqui na Europa, principalmente neste país, a Alemanha, onde se criou a teologia política e aqui vem aí o negócio do Carl Schmitt, nunca conseguiram entender como é que eu, frade cristão, posso aceitar o marxismo como método de análise. Se há uma coisa em que o Kremlin e o Vaticano são idênticos é que, para o Vaticano, o comunismo é uma outra religião. E para o Kremlin, o cristianismo é uma outra ideologia. Estão equivocados. Estão equivocados porque não são, são coisas absolutamente distintas. O marxismo é uma sociologia, uma ciência se você quiser, de interpretação dos dados da realidade objetivamente ao nível da razão, enquanto a religião, não. A religião é supra-racional, não é irracional, mas é supra-racional. Ela está na dinâmica da fé, do sentimento, da subjetividade. E você crê. Agora é evidente que a tradição marxista tem muito de conteúdo religioso, é uma religião laicizada. Conheci estruturas de partido comunista que tinha papa, cardeal, bispo, heresia, pecado, condenação – igualzinho! Enfim, a questão é outra. A questão é manter essa sabedoria de entender que a relação entre fé e política sempre existiu e sempre existirá, isso são favas contadas. A questão é como não confessionalizar a política, o que o Bolsonaro queria fazer. E ao mesmo tempo, como não partidizar a religião. Esse é o desafio. Você não pode estabelecer que na minha igreja só entra quem é do PT. Ou só entra quem é de outro tal partido, não pode isso. Quer dizer, a sabedoria está em respeitar hoje a conquista da modernidade [que é a separação] entre religião e política, mantendo o caráter laico da política. Muita gente fica chocada no Brasil, quando afirmo que sou a favor, primeiro, que as igrejas paguem impostos. Você quer lavar dinheiro no Brasil legalmente? Funda uma igreja. Sou por tirar o crucifixo dos locais públicos, dos tribunais, por exemplo. Não vejo razão por que uma religião predominante mantem seu símbolo num lugar não religioso, não vejo razão. Mas, por outro lado, também não vejo razão numa missa, na nossa comunidade, colocar uma bandeira do PT no altar, não tem nenhum sentido isso. Essa questão precisa ser melhor trabalhada.

Mas o problema é que a direita hoje tem essa vantagem de saber manipular a religião. Diga-se de passagem que a maior crítica que Jesus faz nos 4 evangelhos não é a quem não tinha religião (já que não havia esse fenômeno na época dele) nem a quem tinha outra religião, como o caso dos romanos, que eram pagãos - ao contrário do que alguns pensam, o paganismo é uma religião, não é ausência de religião. A crítica de Jesus era principalmente àqueles que tinham uma religião muito semelhante à deles, os fariseus. A maior crítica que ele faz é à religião na qual ele nasceu. Então a crítica da religião não pode ser a antirreligiosidade. Essa é a questão. Você pode ter o direito de não ter fé, de ser agnóstico, ateu, graças a Deus, como muitos no Brasil. Mas o que não pode é politicamente adotar a atitude antirreligiosa, porque é um desrespeito ao povo. Essa é a questão. É como hoje ser homofóbico, misógino, anti isso e aquilo. Não pode ser anti. Tem que respeitar. E não tolero a palavra tolerância. Tolerância é assim, “eu não suporto, mas vou educadamente aguentar”. Não, tem que respeitar, essa é a questão, não é tolerar. Tem que erradicar isso. Sou intolerante com a tolerância. Então, esse o desafio fundamental.

**Sérgio Costa:** Passando mais diretamente para o tema religião, gostaria de perguntar sobre algo que Frei Betto vem tratando também em seus trabalhos, a perda de influência da igreja católica e o crescimento das igrejas pentecostais, não diferenciando aqui entre as várias denominações. Como é sabido, segundo as projeções, em menos de 10 anos, o número de evangélicos superará o número católicos no Brasil. As dimensões e a rapidez deste crescimento não são nada triviais, são simplesmente gigantescas. Pelo que pude ver, sua explicação, Frei Betto, passa mais pela dimensão institucional, isto é, enquanto a igreja católica reduziu muito seu trabalho junto às bases, as igrejas evangélicas investiram e investem muito na busca de seus fiéis. Não há dúvida que isso tem importância. Gostaria de saber, contudo, se não há também uma explicação teológica para essa mudança. Isto é, será que o êxito das igrejas pentecostais não está também associado aos conteúdos que difundem? Ao propagar aquilo que alguns chamam de teologia da prosperidade e insistir em dogmas como o família heteronormativa e tradicional, o pentecostalismo parece lograr oferecer segurança ontológica a seus fiéis num momento em que laços sociais estão abalados pela precarização, pela violência, pela polarização, etc. Porque a igreja católica não vem conseguindo responder a essa demanda espiritual não pela chave conservadora mas pela chave progressista como fez a teologia da libertação nos anos da ditadura?

Talvez, Evanize, você que organizou um livro recente sobre religião e política pudesse também comentar como vê esse crescimento.

**Frei Betto:** Na minha opinião, o principal fator de crescimento das igrejas evangélicas no Brasil se deve à igreja católica. Ponto. Ou seja, aquilo que o Papa Francisco - porque a igreja católica hoje é um corpo conservador com a cabeça progressista, portanto, um ser esdrúxulo. Aquilo que o Papa Francisco tanto tem denunciado, o clericalismo. Você vai numa missa, ela dura no máximo uma hora, mas fica olhando o relógio. É chatíssimo. Aquele hora não passa, é mecânico, é sempre a mesma coisa. E o pior, quando o padre não sabe pregar. E pior ainda, quando não sabendo pregar, ele demora um tempão para fazer o sermão. E o pior ainda, como vi, quando, num casamento, ele fala para os noivos sobre aborto.

Aí você vai numa igreja evangélica, você é recebido afetosamente. Se esse evento aqui fosse um culto evangélico e entrasse ali uma pessoa que nenhum de nós jamais tinha visto antes, o pastor na mesma hora diz, “irmão, por favor, entre, vamos aplaudir o irmão”. E depois daquele culto ultra-interessante, porque tem um coro que canta bem - como se canta mal na igreja católica! Mas se canta mal porque não tem (antigamente tinha) curso de canto. Como se toca mal. Parece o rapaz que vi aqui no portão de Brandemburgo domingo que estava fazendo o maior sucesso, mas de vez em quando ele largava a guitarra para regular o som, mas a guitarra continuava. Ou seja, até eu, né? Eu vou arrumar uma guitarra dessas, porque assim é fácil. Via-se que a guitarra dele estava toda gravada ali, na caixa de som. Claro, ele cantava, coisa que não faço. E ele cantava bem. Mas o pessoal no culto toca e canta bem, depois tem vídeo, tem cura! A gente pode colocar mil interrogações sobre o que significa isso. Mas funciona, porque conta o fator psíquico. Já tive essa experiência. Eu dou bênção da saúde para amigos que depois me ligam, agradecendo: “você veio aqui, me deu essa bênção, deu uma melhoria. Estou me sentindo mais disposto”. Porque isso é psicológico, assim como você

receber uma péssima notícia te deixa para baixo, receber uma boa notícia mexe com a sua autoestima, são detalhes assim. Então creio que o principal fator é o retrocesso da igreja católica, a misoginia, o clericalismo.

Pouca gente sabe disso, a igreja católica é um corpo que tem 24 braços, 24 segmentos católicos no mundo ligados ao mesmo papa. Só um, o romano, exige o celibato obrigatório. Só um. Para os outros 23 é optativo, quer casar, casa e continua sacerdote. Não quer casar, não casa. Mas o romano, que é o predominante aqui no ocidente, insiste no celibato obrigatório. E depois vem o problema dessa forte misoginia, que é impedir a mulher de chegar aos vários graus da hierarquia católica, inclusive a papa. Não há nada no evangelho contra isso. Pelo contrário, no grupo de Jesus, havia mulheres cujos nomes são conhecidos, abra o evangelho de Lucas, capítulo 8, versículo um. não sou protestante, mas decorei... Você olha lá, encontra o nome das mulheres do grupo de Jesus. Geralmente o protestante sabe citar mais a Bíblia do que o católico. Porque católico também não tem curso bíblico, fica no sermão, mas o protestante estuda a Bíblia.

Há também a questão dos costumes, que é importante. Gente, costumes mudam a vida da gente. Você, por causa de uma relação afetiva, você larga a Bahia com aquele calor maravilhoso, e vir morar aqui na Alemanha com esse frio como está fazendo hoje e fez ontem. Mas vem porque está apaixonado por alguém. Quer dizer, a questão do costume é uma questão muito séria na mobilização subjetiva das pessoas e objetiva em decorrência disso. E, no entanto, a esquerda sempre ignorou. Parece escola. Os que foram alunos de colégio religioso sabem - eu felizmente, só fui nos 4 anos de ginásio, o resto todo foi escola pública. Mas nunca a escola tocou nos seguintes temas: sexo, fracasso, ruptura afetiva, doença, morte, situações pelas quais todo ser humano passa. Nunca a escola abordou os temas essenciais da existência humana. Passa por cima, ou seja, a família fica esperando que a escola ensine e a escola fique esperando que a família ensine. E aí aprende-se na rua. E quando mais se aprende na rua, mais bobagens se faz. O meu pai dizia, sexo e política, quando mais você aprende na rua, mais bobagens, você faz nas urnas e na cama. Então é isso, porque as pessoas evitam tocar nesse tema. Creio que tem muito chão ainda para caminhar.

**Sérgio Costa:** Obrigado, Frei Betto, eu não sei se você, Evanize, gostaria de acrescentar alguma coisa.

**Evanize Sydow:** Só tem um aspecto que talvez seja importante também que é a comunicação. É a maneira como as religiões neopentecostais se apropriaram dos canais de comunicação, principalmente os digitais, que não só a esquerda não domina, mas a igreja católica também não. Então eles são muito mais interessantes, muito mais criativos. E mesmo jovens católicos preferem assistir cultos nas redes sociais. Eu inclusive já assisti vários, eles são muito mais interessantes de você ver. Então eu acho que os canais de comunicação são um outro tema que a gente precisa tocar quando se fala de religião e política hoje em dia no Brasil.

**Sérgio Costa:** A próxima pergunta é sobre clima e meio-ambiente, parte também menos conhecida das reflexões de Frei Betto. Em um pequeno livro, no qual discute com o sociólogo e teólogo belga, François Houtart, infelizmente já falecido, a encíclica do Papa Francisco de 2015 sobre o cuidado da natureza, nossa casa comum, Frei Betto aponta que a natureza pode ser vista, juntamente com a bíblia, o magistério e a tradição, como fonte da revelação divina. Aqui eu me permitiria colocar alguns problemas, ainda que a ideia me pareça encantadora. Se partimos da história da igreja católica, ou até mesmo da história do cristianismo, eu diria que as religiões cristãs foram um dos fatores mais fortes daquilo Nego Bispo chamou de cosmofobia, ou seja, a rejeição e destruição de muitas outras cosmologias e de religiões animistas que, com o seu politeísmo, mostram a continuidade ente seres humanos e natureza. O que eu pergunto, Frei Betto, é se, de fato, é possível do ponto de vista teológico (eu já nem vou dizer do ponto de vista institucional), a religião católica fazer essa virada, deixar de ser antropocêntrica para pensar nos seres humanos, não como os donos de uma natureza da qual eles podem se servir, mas como aqueles que devem cuidar da natureza, como filosofias indígenas e quilombolas nos ensinam. Ou seja, é possível imaginar um cristianismo, e eu acrescentaria, igrejas ou religiões monoteístas, que não sejam antropocêntricas? Isso não seria, digamos, a quadratura do círculo?

**Frei Betto:** É, ao fazer essa herética afirmação de que a natureza é fonte da revelação divina, herética aos olhos dos meus confrades dominicanos, que somos todos discípulos de Santo Tomás de Aquino. E essa afirmação vem de Santo Agostinho. Santo Tomás foi muito esperto. Ele, em suas obras, crítica inúmeros autores que o precederam, inclusive Agostinho. Ele diz: “Quem lê a Suma vê, Agostinho disse, pá, pá, pá, pá, pá, eu, porém, e arrasa com Agostinho”. Ele jamais criticou alguém vivo. Foi muito esperto. Jamais criticou um vivo. Só critica quem já morreu. E Agostinho dizia que Deus nos entregou dois livros. Pela ordem, primeiro, a natureza. E segundo, a Bíblia. De modo que, a partir do segundo, podemos ter a luz para enxergar melhor o primeiro. Isso é muito bonito! Então o Papa Francisco certamente conhece isso, certamente ele também - ele, ele não afirma, como afirmo claramente. Claro, não sou papa nem candidato a papa, embora possa ser eleito. É, porque pelo direito canônico, qualquer católico ou homem batizado, basta ter sido batizado, pode ser casado, como já aconteceu historicamente, papas que eram casados, pode ser eleito papa - mas fecha o parênteses - a não ser que alguém esteja interessado aqui. Mas, enfim, o papa dá a entender isso na Encíclica Laudatória *Sí*, que é uma encíclica revolucionária, porque pela primeira vez na história, um papa faz uma encíclica sobre a questão ambiental. E ele fica irritado quando alguém diz, “obrigado que o senhor fez encíclica verde”. Verde, droga nenhuma, é sócioambiental. Ele quer mostrar que as principais vítimas do desequilíbrio ambiental são os pobres e as consequências que isso tem. Então creio que isso poderia ser incorporado.

Evidente que você pegou a dimensão holística aí das tradições de matriz africana, que isso é muito rico. Mas eu, por intuição, muito antes dessa encíclica, eu já tinha produzido um livro, “A obra do artista, uma visão holística do universo”, fazendo uma leitura ao mesmo tempo científica, entre aspas, porque não é um livro de intenção científica, não é o meu ramo, mas uma descrição com a linguagem científica dos 7 dias da criação, do Big Bang ao surgimento do ser humano. Nesse livro, “A obra do artista”, mostro essa interação entre nós e a natureza e

ressalto esse aspecto: A natureza viveu bilhões de anos sem a nossa incômoda presença, bilhões de anos! Ora, ao longo desses bilhões de anos, ela criou e extinguiu várias espécies, a mais conhecida os dinossauros, há 70 milhões de anos. Ela pode tranquilamente extinguir a espécie humana e continuar o seu caminho sem a nossa incômoda presença. Por uma razão muito simples, porque em nada ela precisa de nós. Agora descubra nessa sala algo que não veio da natureza. Não tem nada que não veio. Tudo, esse tapete, esse teto, essa garrafa, esse microfone. Nós mesmo, tudo veio da natureza. A matéria-prima de tudo o que existe nessa sala decorre da natureza, então nós não podemos prescindir da natureza. Mas ela tranquilamente vive sem a gente, se resgata, se recupera. Falam aí de ogivas nucleares, mas nada impede que um novo meteoro como aquele que caiu no Golfo do México, amanhã, caia lá em Belo Horizonte, na nossa terra.

**Sérgio Costa:** Gostaria de finalizar essa rodada de perguntas com uma pergunta sobre política internacional.

Ainda que aspectos como a proteção do trabalho decente, a justiça social e a defesa da democracia e dos direitos humanos continuem sendo temas caros às forças progressistas na Europa e na América Latina, a política internacional representa, hoje, um campo onde a esquerda latino-americana e a esquerda europeia apresentam posições irreconciliáveis. A esquerda na América Latina, escaldada pelas experiências traumáticas do colonialismo e do imperialismo, parece apostar numa ordem mundial multipolar, na qual Rússia e China têm papel de destaque. As forças progressistas europeias, pelo menos verdes e social-democratas, não aceitam China e Rússia como aliados, ao contrário, apostam ainda na Europa Ocidental como polo de virtude capaz de garantir a hegemonia de um ocidente esclarecido e humanista. Frei Betto, como humanista de profundas convicções que é, como vem acompanhando essas discussões?

**Frei Betto:** Vamos lá, o grande problema, a meu ver, na esquerda europeia, se é que ela ainda existe - na América Latina se diz que na Europa só há uma pessoa de esquerda e mora no Vaticano, que é o Francisco. Mas, enfim, para mim, o grande pecado histórico da esquerda europeia é que ela tinha ideologia, cultura, as cabeças mais iluminadas da intelectualidade europeia, enorme capacidade de organização e também convicções revolucionárias enormes - muitos deram a vida pela causa. Só faltou um detalhe: povo, só faltou isso. E trabalhar com os mais pobres, aí era complicado.

Eu me lembro, [Louis] Althusser que contava isso. Havia muito tempo que um grupo de professores marxistas da Sorbonne queria aproveitar um feriado prolongado para ir para o interior fazer um seminário. Aí começou a greve de 68, eles não deram muita importância àquele movimento estudantil. Falaram, vamos aproveitar que a universidade está fechada, vamos lá para a cidadezinha fazer o nosso seminário. Foram para o seminário. Só que de repente eles viram pela televisão que o negócio começou a pegar fogo e que era uma coisa nova, não era uma paralisação que ia durar 2, 3 dias, e aí quiseram voltar para Paris como

bons marxistas para participar. Só que também os ferroviários estavam em greve e aí eles ficaram isolados.

Então é isso que acho que falta na tradição europeia. Faltou um contato com o povo. Quando o muro de Berlim caiu, o muro de Berlim caiu sobre a cabeça da esquerda europeia. Por quê? Porque ela não tinha raízes populares. Para mim, é essa a questão.

Gente, muito obrigado, que Deus nos abençoe.

Transcrição: Sérgio Costa